

COLEÇÃO APLAUSO **CINEMA** BRASIL

VLADO

30 ANOS DEPOIS

roteiro e direção

JOÃO BATISTA

DE ANDRADE

Imprensa Oficial

Vlado

30 Anos Depois

Vlado

30 Anos Depois

Roteiro extraído do filme de
João Batista de Andrade

(filmado e exibido em 2005, marcando os 30 anos do
assassinato de Vladimir Herzog numa prisão militar)

| imprensaoficial

São Paulo, 2009



Governador José Serra

imprensaoficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *Não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda

uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as consequências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Para **Clarice Herzog**, por sua luta incansável pela dignidade de Vlado, a denúncia da farsa do suicídio forjado pela ditadura militar.*

*Para **Audálio Dantas**, por ter colocado o Sindicato dos Jornalistas a serviço da democratização do País.*

*Para **Fernando Pacheco Jordão**, força maior, levado pela recusa absoluta em aceitar a morte do amigo e a farsa da ditadura.
Mestre e amigo.*

Agradecimentos a todos os que se dispuseram a depor para esse filme, muitas vezes assumindo corajosamente o tom confessional, extremamente pessoal de suas relações com essa história, sem reservas, permitindo ao espectador vivenciar toda a brutalidade do regime militar que dominou o País por mais de vinte anos.



Letreiro Inicial

Em outubro de 1975, morre, em uma prisão militar, o jornalista Vladimir Herzog (Vlado). A morte de Vlado gera uma intensa reação na sociedade, marcando o declínio da ditadura militar instaurada 11 anos antes. Vlado se torna, assim, um símbolo da luta democrática no Brasil.

Vlado, 30 Anos Depois (roteiro)

SEQUÊNCIAS

1 – PRAÇA DA SÉ

O roteirista e diretor do filme (que nos depoimentos opera também a CAM-1, em sua mão, nas entrevistas), João Batista de Andrade (JBA), entra na praça, carregando uma cadeira de diretor dobrada. Passa pelas pessoas, vai até a frente da Catedral e arma a cadeira. Enquanto arma a cadeira, dirige-se para a CAM:

JBA: Este é um filme que eu deveria ter feito há muito tempo... Um filme sobre o jornalista Vladimir Herzog... assassinado numa prisão militar há 30 anos... no inesquecível 25 de outubro de 1975. Vlado, como era conhecido por familiares e amigos, era muito meu amigo, e sua morte

me chocou profundamente. Eu – que sempre filmava tudo –, chocado, abatido com a morte de um amigo, não filmei nada. Fiquei sempre com essa sensação de que havia uma falha na minha própria carreira, na minha filmografia. É uma falha que eu tento corrigir agora, neste filme, que eu dedico à memória do meu amigo e no qual eu vou falar daqueles anos de chumbo.

14

Esta será a cadeira dos depoimentos. É uma cadeira de diretor, emprestada àqueles que, com seus depoimentos pessoais, a partir de sua vivência nos anos duros de regime militar, vão ajudar a reconstituir aqueles tempos, a prisão e a morte de Vladimir Herzog, do Vlado. Este será um filme, certamente, de poucas imagens. É claro que nós vamos ter imagens preciosas do Vlado, da Clarice, do culto ecumênico que marcou aquela época e marcou praticamente o começo do fim da ditadura, e que foi realizado nessa Catedral da Sé. Mas nós não temos as imagens dos torturadores. Não temos a imagem do medo, a imagem dos aparelhos de repressão. Nós temos, sim, a imagem dos nossos, as faces daqueles que nós perdemos, que foram perseguidos, torturados e mortos.

2 – Inserts: Fotos de Vlado-menino e família. Vlado com o pai, a mãe.

JBA (*Off*): Vlado nasceu em 1937, na cidade de Osijek, na Iugoslávia. Durante a guerra, com menos de 7 anos, teve que fugir com sua família buscando abrigo no Norte da Itália, fugindo da perseguição nazista. E ainda tão menino, foi obrigado a aprender rapidamente a falar italiano pra poder assim conversar com os soldados fascistas enquanto seu pai se fingia de mudo pra não revelar sua condição de foragido, de estrangeiro. E, depois da guerra, sua família foge da Europa buscando um abrigo no Terceiro Mundo. O destino foi o Brasil.

3 – Escritório do arquiteto Ruy Ohtake.

Ruy Ohtake: Eu estudei 7 anos, lado a lado a ele, na mesma classe. E como nós morávamos muito perto, então frequentemente nós íamos juntos à escola. E o Vlado foi sempre uma pessoa muito frágil assim de saúde, não é? E ele não gostava muito de comer, não. E a mãe dele insistia... de vez em quando a mãe dele falava assim: "Ruy..." E a mãe dele punha umas frutas na malinha dele e tal e falava: "Ruy, incentiva o Vlado a comer". No intervalo, ele relutava em comer, mas acabava comendo alguma coisa.

4 – *Inserts*: Fotos Vlado adolescente e família.

5 – Casa do jornalista Luis Weis.



Luis Weis: Sempre teve, desde o primeiro momento, uma extraordinária sensibilidade voltada pra arte, voltada para teatro, em primeiro lugar, para cinema e para música. A política, anos-luz de distância. Não queria saber.

6 – Escritório de Ruy Ohtake

Ruy: Ele sempre foi um garoto, desde aquela época... um garoto muito sério, muito taciturno. Ele não era muito de brincadeira. Mas sempre com um livrinho debaixo do braço. Eu me lembro que, por causa do Vlado, eu tive que ler Dostoievski.

7 – Casa de Fátima e Fernando Jordão.

Fátima Jordão: O Vlado era uma pessoa muito delicada, muito engraçada, muito bem-humorada. Era uma pessoa aparentemente tímida, mas muito sociável. Volta e meia, ele estava reunindo pessoas. E ele era um bom escritor. Além de jornalista, ele escreveu muitas cartas e recebia muitas cartas. A gente sabia muito do Brasil naquela época pelas cartas do Vlado... porque ele escrevia para dezenas de amigos.

Inserts: fotos Vlado adolescente e rapaz.

8 – Casa de Ivo Herzog, filho mais velho de Vlado.





Ivo Herzog (filho de Vlado): Eu lembro pouco. Eu lembro... Ilhabela, que a gente ia para Ilhabela... de pescar e pegar caranguejo, lá na Praia do Viana. A gente ia lá na Praia do Viana. Lembro um pouco de lá do sítio de Bragança... a gente sair para ir pescar também à noite. Lembro de quando ele comprou o telescópio na Fotóptica. Ele era amigo do Thomas Farkas, ficou negociando lá por horas. Comprou um telescópio. Uma noite acordou a gente...no meio da madrugada para ver os anéis de Saturno.

9 – Salão Paroquial.

20

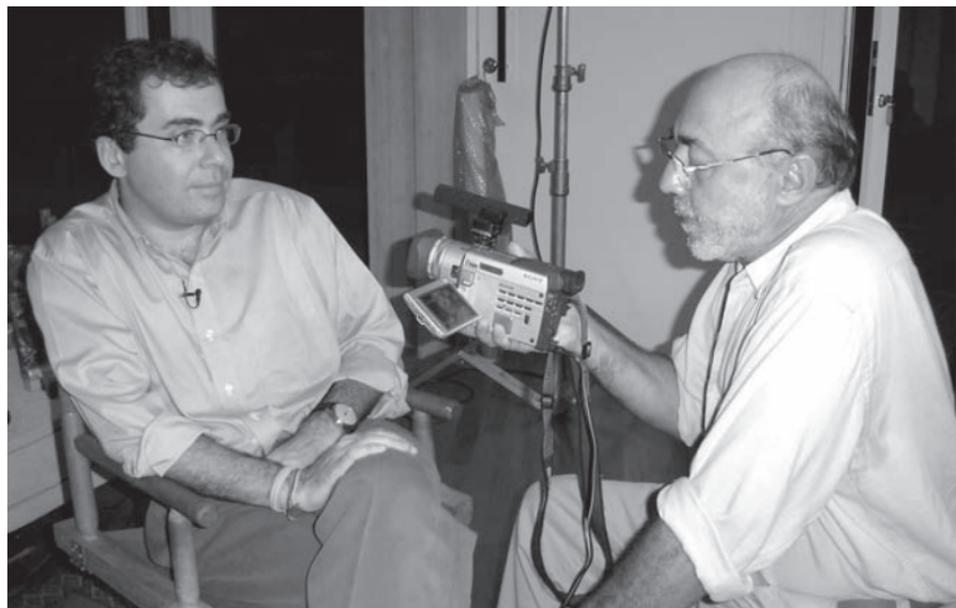
D Paulo Evaristo Arns: Eu estive diversas vezes na TV Cultura... e fui muito bem tratado por ele e guardei aquela reverência, aquele respeito... e aquela amizade... que a gente guarda por uma pessoa que é fina, educada...

10 – Casa de Fernando Morais.

Fernando Morais: Escrevia muito bem... pautava muito bem, tinha uma clareza, tinha ideia... era um sujeito que tinha ideias na cabeça... ele sabia o que queria, e o que era um bom telejornal.

11 – Sala de Rodolfo Konder na FMU.

Rodolfo Konder: Mas o Vlado era um sujeito



muito íntegro, decente, honesto...muito preocupado com a questão ética...e evidentemente como homem ligado à arte, ligado à cultura... era um sujeito particularmente preocupado com a liberdade.

12 – Jornalista Miguel Urbano Rodrigues, militante do PC português, ex-exilado no Brasil. Amigo de Vlado, na época trabalhava no jornal *O Estado de S. Paulo*. No filme, a entrevista foi realizada em Portugal, para onde Miguel retornou depois da redemocratização daquele país.

22

Miguel Urbano: Éramos muito amigos. Da Clarice, a mulher dele, uma mulher maravilhosa que ele teve. E recordo agora, de longe, o que foi meu sofrimento. Ele ficou como símbolo... como um símbolo de resistência dos jornalistas brasileiros. Ele teria sido um grande cineasta, tinha paixão pelo cinema... teria sido um homem de televisão, um escritor... teria continuado jornalista, não sei... mas a memória que eu guardo do Vladimir Herzog é maravilhosa.

13 – Mãos (de João Bosco) dedilha o violão, cantarolando a melodia de *O Bêbado e o Equilibrista*.

Montagem de cenas em que JBA e equipe se encontram com todos os entrevistados. Chegada da



equipe, a preparação das entrevistas, JBA sendo recebido e montando a cadeira de diretor onde se sentam todos os entrevistados.

Os depoimentos, sempre em tom confessional, são gravados pela CAM na mão de JBA, sentado bem próximo ao entrevistado, procurando transmitir uma intimidade em busca da vivência pessoal de cada um. Uma segunda CAM filma o conjunto da cena.

Letreiros iniciais.

14 – Depoimentos de pessoas na Praça da Sé.

24

JBA, junto à sua cadeira de diretor, ouve populares sobre a história de Vlado e do Brasil.

– O que você sabe sobre esse nome, Vladimir Herzog?

O rapaz nega, com gesto de cabeça.

– Não?

– Não sei.

– Acho que não.

– É um jornalista morto pela ditadura.

– Não?

– Não sei, viu...

– Nada, nada.

– Não me lembra nada.

– Um jornalista que foi morto pela ditadura militar.

– Se eu não me engano, ele morreu... na prisão, fizeram uma armação, né? Parece que ele foi assassinado, e disseram que ele se matou.

– Sei lá, né? Acho que nessa época eu não era nem nascido ainda.

25

– Acho que ele foi um jornalista que foi preso durante a repressão... justamente porque ele discordava do regime, mas não sei mais detalhes.

– Não sei nada.

– Nada?

– Nada.

– Não sei nada, senhor.

– Não sei, nem conheço, viu? Sinceramente. Já ouvi falar.

– Não sei, não conheço.

– Não?

– Não conheço.

– O que o senhor sabe do Vladimir Herzog?

– Não conheço.

– Não?

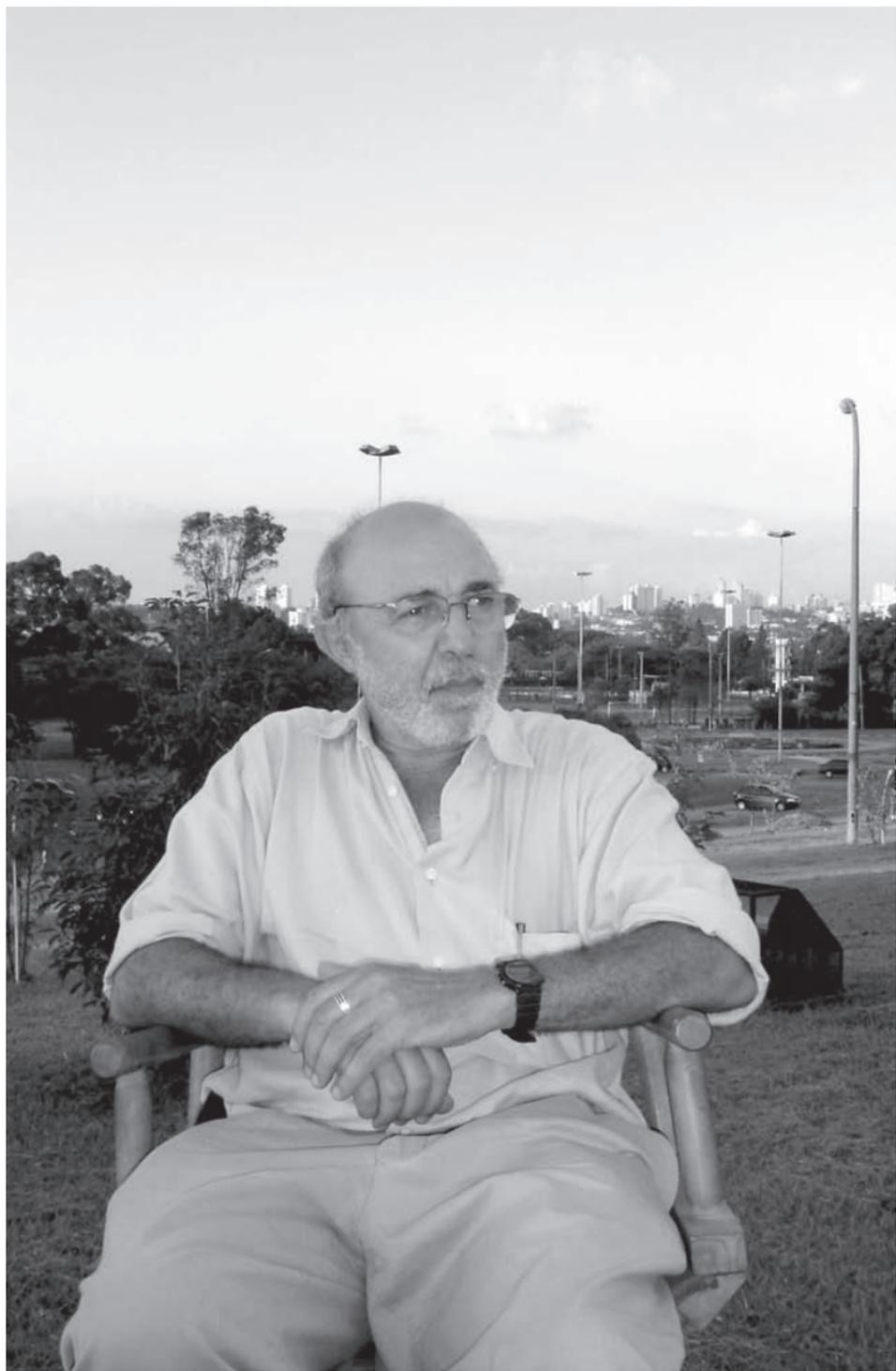
– Não.

– E da ditadura militar o que é que o senhor sabe?

26

– Conheço muito pouco. Eu não sou da época. É, mas sei lá. Eu acho que deveria voltar.

15 – JBA fala para a CAM: Numa pesquisa assim informal como esta... a gente vê que o povo brasileiro sabe muito pouco a respeito do Vlado e da ditadura militar. Sabem quase nada. Mas a verdade é que essa história permanece como uma brasa debaixo da cinza, como se viu quando os jornais publicaram fotos com imagens por engano atribuídas a Vlado, nu, preso numa prisão militar. A reação foi intensa na sociedade e provocou a inusitada reação dos setores militares,



que passaram a defender o golpe militar de 64 e os métodos usados pelos militares na ditadura.

16 – Inserts: As fotos, na verdade, eram de um padre canadense aprisionado pelos militares no Brasil (os militares o teriam forçado a posar nu com uma freira).

17 – JBA caminha pela rua. E fala, para a CAM.

JBA: Em 1963, o Vlado ainda se dividia muito entre o jornalismo e o cinema. No Rio de Janeiro ele faz um curso com o cineasta sueco Arne Sucksdörf. E, como resultado desse curso, ele faz um dos primeiros documentários brasileiros de som direto que é o *Marimbás*, sobre pescadores na Baía da Guanabara.

28

18 – Trecho filme *Marimbás*, de Vladimir Herzog (1963)

Som (trecho de depoimento de pescador): *Temos o que se chama “arrastão”, de arrastar a rede na praia... de tirar a rede. É o serviço que eu faço aí o dia todo. Puxar a rede. Puxar a corda, né?*

19 – Cont. fala JBA

JBA: Em fevereiro de 1964, Vlado se casa com a Clarice, que ele conheceu na faculdade de



Filosofia da Universidade de São Paulo. E esse casamento foi registrado por um cinegrafista da TV Excelsior. Nessas imagens, a gente pode ver amigos, muitos dos quais dão depoimentos neste filme, como Fernando Jordão, a Fátima, e também o cineasta argentino Fernando Birri que, com sua proposta de um cinema documentário latino-americano, crítico e poético, tanto nos influenciou.

20 – Cenas do casamento filmado por um cinegrafista amigo do casal.

21 – *Inserts*: Fotos do casamento, onde são vistos: Fernando e Fátima Jordão, Vlado e Clarice e o cineasta argentino, Fernando Birri (cineasta e diretor da famosa Escola de Cinema de Santa Fé. Documentarista e ideólogo, influenciou vários cineastas brasileiros, entre os quais o próprio Vlado e JBA).

22 – Cenas do filme *Tire Dié*, de Fernando Birri.

O trem passando e as crianças pobres correndo, pedindo para os passageiros atirarem moedas (*tire dié!*). Uma mulher, passageira, comenta: “pobrecitos”.

23 – Fernando Birri.

O depoimento do Birri foi filmado na Itália, onde vive o cineasta (que foi exilado da Argentina pelo regime militar).

Fernando Birri: Fundamos a Escola de Documentários Santa Fé, que originalmente se chamava Instituto de Cinematografia da Universidade Nacional do Litoral, na Argentina. E nessa escola, pouco tempo depois, bateram a porta dois jovens, dois meninos com uma malinha nas mãos. Fui abrir a porta. Eles perguntaram de uma forma delicada e ingênua: *Senhor, é aqui que se leciona Cinema?*

Bem, nós tentamos... Nós somos do Brasil. Será que poderíamos...? Abri, mandei entrarem e começamos a conversar para tentar entender o que queriam e que resposta poderíamos dar. Os meninos eram Vladimir Herzog e Maurice Capovilla, dois jovens aspirantes a cineastas brasileiros, dois seres humanos fantásticos. Vlado era muito pequeno e franzino, tinha uma inteligência penetrante, afiada.

31

24 – JBA

JBA (para a CAM): Menos de dois meses depois do casamento, veio o golpe militar de 1964. Desanimados com a perspectiva de um longo tempo de ditadura militar, o Vlado e a Clarice,

juntos com Fernando Jordão e a Fátima que eram seus amigos, resolvem sair do Brasil e fazer um curso de televisão na BBC de Londres. E depois voltaram numa das piores épocas da vida brasileira que foi em 1968, justamente quando houve a decretação do Ato Institucional número 5, aprofundando a ditadura militar no Brasil.

25 – *Inserts*: fotos de Vlado, Clarice, o filho Ivo, Fernando e Fátima Jordão com os filhos Bia e Rogério.

26 – Casa de Clarice.

32

Clarice Herzog: Eu acho que nós passamos assim um ano juntos muito gostoso, curtindo a Inglaterra. Londres é maravilhoso... o tempo que você tem à disposição, conhecendo coisas, vendo coisas. O Vlado... ele tinha na veia, no sangue, a coisa da viagem. Ele amava viagem. Para onde ele ia, ele tinha amigos. Então, era muito gostoso viajar. E ele sempre cultivou as amizades. Ele sempre escreveu. Não existia computador, *e-mail*, internet... então era a escrita... ele sempre escreveu muito, né? E ele sempre cultivou amigos. Em qualquer lugar que a gente ia sempre tinha amigos... a gente encontrava, aproveitava muito, né? Porque tinha o olhar da pessoa que estava lá. Sempre foi muito gostoso isso, durante um ano. Depois de um certo tempo, acho que já no segundo ano... começou... sabe aquela coisa... a "coceira", né?



Então, começou a dar uma vontade de voltar. Aí, o Vlado lá realmente mudou um pouco o foco de cinema para televisão. Ele achava que devia fazer televisão... porque há a possibilidade de você atingir, falar com a sociedade. O cinema é uma coisa muito fechada, muito elitista.

JBA – Mas a volta foi...

CLARICE – A volta foi traumática, porque ele fez um curso lá, de televisão... a pedido da Televisão Educativa (TV Cultura) com a possibilidade de voltar... a bolsa só era dada quando a pessoa tinha garantia de emprego... quer dizer, o aprendizado vai ser utilizado numa televisão estatal. E ele volta, e não foi empregado, e ele não tinha absolutamente nada...o problema é só você pensar... não pensar dentro da mesma linha do governo, da ditadura, você era um comunista. Quer dizer, não existia... ou você compartilha ou você é um comunista, um cara perigoso. Mais ou menos, era essa coisa maniqueísta, né?

JBA – Mas volta num momento terrível.

CLARICE – Ele voltou num momento terrível. Porque na verdade, ele era pra chegar aqui no dia 15 de dezembro. O AI-5 foi no dia 13 de dezembro.

JBA – De 68

CLARICE – De 68. E ele sairia de lá no sábado, foi numa sexta-feira... ele sairia no sábado e chegaria no domingo de manhã. E o Vlado não chega, porque, antes de vir para cá, ele foi a Roma para ver o Birri... se despedir do Birri, passou em Roma e na tarde de sábado ele resolveu ir ao cinema, fazer hora antes de pegar o avião, quando ele abre o jornal: “Ditadura Militar no Brasil”. Aí ele parou... ele não sabia o que fazer... se voltava ou não voltava. Ele ficou uma semana mais ou menos.

JBA – O Ato Institucional número 5.

CLARICE – Exatamente. Ele ficou uma semana ... lá tentando... *Volto para a BBC?* Mas também era tão terrível a volta... era uma coisa que a gente já tinha rompido. *O que é que eu faço? Volto para Londres? Volto para o Brasil?* Ele tomou a decisão de voltar pra cá.

27 – Casa de Clara Sharf.

OBS: montagem alternada de Clara e Clarice, depoimentos filmados em suas casas). Clara é viúva de Carlos Marighella, líder do movimento de luta armada contra a ditadura militar no Brasil. Foi assassinado em 1969.

Clara Sharf: A Clarice Herzog, minha amiga companheira querida... quando eles vieram da Inglaterra... ela foi trabalhar numa empresa de pesquisa... que era dirigida pelo Rodolfo Azi... que é um companheiro que já foi torturado durante a prisão e tudo. Ele já morreu. E ela disse que queria ajudar. Depois de 68, né, imagina... depois do Ato Institucional, ela achou que alguém tinha que fazer alguma coisa. E ele colocou a Clarice em contato comigo.

36

28 – Clarice: Eu ajudava a Clara Sharf. Ela tinha um nome de guerra. Eu não sabia quem era ela. Ela vinha com um tal de “Tio”, encontrava com ele, encontrava na minha casa...

29 – Clara: E, às vezes, eu encontrava com o Marighella na casa dela. Ela era casada com o Vlado, tinha duas crianças. Eu não conhecia o Vlado antes, né?

30 – Clarice: Eu não sabia quem era o Marighella. Eu tentava tanto não saber... eu queria ajudar, mas não queria me envolver... porque eu sabia que não tinha nem estrutura para isso. Eles chegavam lá, ele subia... Era uma pessoa encantadora.

31 – Casa de Clara.

JBA – Depois é que ela ficou sabendo.

CLARA– Mas depois... Mas nesse dia que aconteceu... o encontro do Vlado... eu subi a escada levando o Marighella para conversar com ela. Quer dizer. A minha ideia era essa. Não tinha problema nenhum. Então eu disse: *Você pode subir e conhecer a Clarice, e ela vai conhecer você.* Daí eles conversaram...

JBA – E o Vlado estava lá?

CLARA – E o Vlado estava com ela.

– Eles se viram e se encontraram acidentalmente. Quer dizer, se olharam, etc. e tal... se cumprimentaram, mas não conversaram nada sobre política.

37

32 – Clarice: Na época da Anistia, eu estava ajudando a fazer uma exposição... ali no... como chama? No Clubinho. E aí veio um amigo antigo meu e falou: *Tem uma pessoa que eu quero que você veja.* Era a Clara. Nos beijamos, choramos à beça, porque... os nossos homens não estavam ali naquele momento importantíssimo pra gente, e eu perguntei: *Quem era o Tio? Você não sabe? Não. Era o Marighella.* Foi aí que eu fiquei sabendo.

JBA – Que coisa!

CLARICE – Impressionante, né?

33 – Letreiro sobre imagem de Carlos Marighella
(foto na casa de Clara)

MARIGHELLA LIDEROU A LUTA ARMADA CONTRA A DITADURA E FOI MORTO EM 1969

34 – Cenas das comemorações, em São Paulo, do tricampeonato de futebol, em 1970, com o Brasil presidido pelo ditador Emilio Garrastazu Médici.

38 JBA (*Off*): Em 1970, na pior das ditaduras, os brasileiros fazem lá fora o que sabem muito bem e conquistam o tricampeonato mundial de futebol. Nessas cenas, que foram registradas por mim e por Jorge Bodanzky, nós vemos as comemorações do tricampeonato em São Paulo carregadas de tensão. E o governo militar tenta se apoderar dessa conquista encenando um falso nacionalismo com o presidente Médici se enrolando na bandeira nacional.

35 – *Inserts*: fotos Médici, inclusive dele com a bandeira nacional.

36 – Capa da revista *Visão*: jovem com venda nos olhos, famosa edição sobre a cultura na época da ditadura militar, em 1972.

5 - JUL. 73

visão

Cr\$ 3,00

O IMPASSE
DAS 200 MILHAS



O QUE HÁ COM A CULTURA NO BRASIL?

JBA (*Off*): Fora da televisão, o Vlado se torna editor de cultura da revista *Visão*. A revista *Visão* se torna praticamente uma ilha de independência, de visão crítica a respeito da realidade brasileira. Ali, se reúne a elite do jornalismo brasileiro junto com o Vlado. Muitos desses jornalistas seriam depois perseguidos pelo regime militar e presos, entre eles o Vlado.

40 **37** – Fernando Morais: – Eu deixei o *Jornal da Tarde*, que era meu emprego mais importante e fui trabalhar com ele na revista *Visão* que tinha sido comprada pelo Henri Maksoud, e o Vlado já estava ali há algum tempo, numa equipe, num time... Provavelmente, hoje, seria muito difícil juntar um time como aquele que tinha Rodolfo Konder, Paulo Francis, que tinha Leandro Konder, tinha Vlado, tinha Ricardo Sete, tinha Evaldo Dantas Ferreira, tinha Carlinhos Brickman, Rolf Kuntz, ou seja, um time de craques... um *dream team* de jornalismo.

38 – Rodolfo Konder: Eu me transferi para a *Visão*, fui trabalhar na redação da *Visão*... indicado pelo Miguel Urbano Rodrigues, entende? E conversei com o diretor, que era o Antonio Pimenta, e comecei a trabalhar. Era uma redação relativamente pequena... mas de gente muito qualificada e o Vlado era um dos editores, era o editor da parte de cultura. Logo nos tornamos

amigos, conversávamos muito, trabalhávamos na mesma sala

39 – Casa do jornalista Anthony Christo.

Anthony Christo: Ela foi a primeira revista semanal de conteúdo, estruturada.

40 – Casa de Luis Weis

Luis Weis: O que era bom na *Visão* antes de mudar de dono é que ela tinha – embora como todo o resto da imprensa fosse uma entusiástica partidária do milagre econômico, da política econômica da ditadura, Delfim era um santo homem, etc. etc... a *Visão* que era uma revista quinzenal de pouca importância de público – tinha uma latitude na abordagem dos temas políticos, culturais, sociais e internacionais muito grande. Então era bom!

41

41 – Casa de Fernando Moraes.

Fernando Moraes: Antes de ir pra *Visão* eu já olhava com os olhos brilhando para o que eles estavam fazendo. Lembro de uma grande matéria intitulada *O Vazio Cultural Brasileiro* mostrando as consequências da ditadura militar, da censura e de toda a repressão sobre a produção cultural do Brasil.



42 – Frente ao portão principal da TV Cultura.

JBA: Só em 1972, o Fernando e o Vlado conseguem criar o telejornal chamado *Hora da Notícia* que é fundamental para a compreensão de toda essa história. Lá, o Fernando era o diretor, o Vlado era o editor e eu mesmo era o que chamavam de “repórter especial”, fazia pequenos documentários que eram exibidos todos os dias nesse noticiário. E os temas eram exatamente as questões sociais, a habitação, alimentação, transporte, a realidade brasileira, tal como a ditadura jamais gostou que fossem mostrados.

43 – Cenas de reportagens especiais de JBA para o programa *Hora da Notícia*: “Ônibus”, “Pedreira” e “Migrantes” (que depois, montado como filme, venceu a Jornada de Documentários na Bahia, em 1973).

43

44 – Casa de Fernando P. Jordão.

(Fernando fez o primeiro telejornal, semanal, na TV Cultura, o *Foco na Notícia*. Depois, em 1972, o diário *Hora da Notícia* (às 21 horas) tendo Vlado como editor, Fernando Moraes como Chefe de Redação, Anthony Christo, Georges Bourdoukan, Gabriel Romeiro como editor internacional e JBA como “repórter especial”, responsável pelos pequenos e diários documentários sobre questões sociais).

Fernando P Jordão: Quando eu implantei o telejornalismo na TV Cultura, aí de novo eu chamei o Vlado para trabalhar comigo porque eu sabia que era um profissional capaz de dar uma excelente colaboração para o trabalho que eu queria fazer, não só na parte, vamos dizer... exclusivamente de realização prática das coisas como jornalista, mas também como cabeça política. Não que a gente quisesse fazer um jornalismo politicamente militante partidário. Não, não era isso.

45 – Casa de Fernando Morais.

44 Fernando Morais: Era um modelo. Ali, sim, se fazia uma televisão pública, porque embora fosse uma televisão estatal a gente conseguia manter, graças ao Jordão, ao Vlado, a você (JBA)... enfim à equipe que já estava lá, manter aquilo ali como uma espécie de uma ilha que o governo não metia o bedelho.

46 – Redação da revista *Caros Amigos*.

Georges Bourdoukan: Era um grupo tão solidário e ao mesmo tempo era um grupo que buscava realmente a informação.

47 – Casa de Fernando Morais.



Fernando Moraes: Um jornal muito colado nas questões efetivamente populares, porque hoje falar de coisas populares para o espectador... vai achar que a gente está falando de Gugu, Ratinho, essas coisas. Não, populares eram os problemas pelos quais passava a população brasileira mais pobre.

48 – CAM percorre áreas da TV Cultura, passando pela Cadeira-de-Diretor armada junto às bandeiras nacional e paulista hasteadas próximo à portaria.

46

JBA (*Off*): O programa *Hora da Notícia* nessa primeira fase, durou até 1974, menos de 2 anos depois de ser criado. Sujeito a constantes reclamações, ameaças, o programa sucumbe sob a intervenção de um jornalista que segundo documentos militares concordava em auxiliar os órgãos militares de inteligência. Somos todos demitidos, e alguns até mesmo presos após a demissão.

49 – Casa de Fernando Pacheco Jordão.

Fernando P. Jordão: A reclamação era sempre atribuída ao 2º Exército, a uma entidade... 2º Exército. Mas quem reclamava sentada à minha frente era a diretora cultural da TV Cultura à

qual nos estávamos subordinados. Ela me chamava toda manhã para reclamar que o jornal da TV Cultura era um jornal pessimista. Ela usava a expressão “negro”. Dizia que era um jornal que, quando você ligava a televisão à noite e assistia aos telejornais o Brasil era um país feliz. Só na TV Cultura era um país triste.

50 – Redação da revista *Caros Amigos*.

Georges Bourdoukan: Eu atendi, ele, o Secretário de Saúde do Governo Laudo Natel falou: *Olhe, eu sugiro que você não coloque o surto de meningite no ar*. Eu falei: *Não, mas precisamos colocar, Secretário, para alertar a população*. Não, não, não, *você vai alarmar a população*. Eu falei: *Não, vou colocar. Não faça isso, senão você vai se arrepender*. Uma hora depois me liga o governador Laudo Natel. Eu levei um susto, né? *Olha, não pode colocar porque vai alarmar!* Resumindo: a matéria foi pro ar. E na mesma noite, policiais do futuro DOI-CODI, que era a operação OBAN, Operação Bandeirante, entraram no meu apartamento, me prenderam, me encapuzaram, colocaram um capuz... Aí o cara falou: *Olha, esse aqui... vamos jogar ele no mato. Ninguém vai saber nada*. Você estava na mão deles, algemado, com um capuz, entendeu? Levando para a rua Tutoia. A hora que chegou na rua Tutóia, o cara falou: *Olha... não vou nem*

fazer pergunta pra ele. Puxou um revólver... pôs assim na testa e "pó"!

JBA – Deu um tiro?

G.B.: - Deu um tiro na cara, aqui ó... só que não tinha nada no revólver, e eu não sabia que não tinha nada. Não preciso dizer para você como é que eu fiquei.

ABERTURA

LENTA, GRADUAL E SEGURA

48 **51** – Fotos: General Ernesto Geisel (Presidente), Gal. Golbery do Couto e Silva (SNI) e o civil Paulo Egydio Martins, governador-nomeado de SP.

JBA (*Off*): Mas a história se complicava. Em 1974 a Presidência da República mudara de general. Em lugar do temido Emilio Garrastazu Médici entrava agora um general do grupo de elite, o prussiano Ernesto Geisel assessorado pelo mentor intelectual general Golbery do Couto e Silva. No mesmo ano, Geisel amarga a derrota eleitoral. As eleições de 1974 dão vitória esmagadora à oposição ao regime militar. Geisel, que havia alentado para uma abertura política, tenta controlar a velocidade e a profundidade dessa abertura criando o termo vago de abertura

“lenta, gradual e segura”. Geisel nomeou um político vagamente liberal para o governo paulista: Paulo Egydio Martins. Paulo Egydio por sua vez nomeia um verdadeiro liberal para a Secretaria de Cultura, o empresário José Mindlin.

52 – Casa de José Mindlin, biblioteca.

José Mindlin: Bom, quando eu recebi a visita do Paulo Egydio me convidando para assumir a Secretaria que ele estava criando... de Cultura, Ciência e Tecnologia... eu tive dois motivos de hesitação. A hesitação maior que eu tinha seria de fazer parte de um governo com um governador nomeado, não ter sido eleito. Ele me disse: *Olha, você pode ter certeza que está se preparando a abertura... que a abertura virá.*

49

53 – Fotos Vlado. Vlado sentado no chão: pesquisava a história de Canudos, para um roteiro de longa-metragem para JBA, por iniciativa do próprio Vlado.

JBA (*Off*): Desempregado, Vlado retoma sua paixão pelo cinema. Vai pra região de Canudos e prepara um roteiro para que eu filmasse. E depois começa a escrever o roteiro de meu filme, *Doramundo* filmado depois de sua morte e vencedor do Festival de Gramado em 1978.



54 – Trecho de *Doramundo*

(Diálogo entre os personagens de Armando Bogus e Fernando Peixoto)

- Aqui há um criminoso, Dr. Ramos. É preciso descobrir quem é, acabar com essa raça... proteger a cidade desses bandidos. Garanto que seremos breves. Todo criminoso acaba confessando, Dr. Ramos.

A VOLTA À TV CULTURA

55 – Casa de José Mindlin.

José Mindlin: E eu recebi currículos dos vários candidatos e o currículo do Vlado era de longe o melhor, com toda aquela experiência dele na BBC, outras referências ótimas. E eu então, antes de falar com ele, eu tinha que pedir autorização, a concordância do diretor do SNI. Falei com ele, telefonei, ele me pediu uma meia hora de tempo para verificar lá os registros. E depois me disse que não havia problema nenhum, que o Vlado, de moço, tinha tido pruridos de esquerda, comunista, mas que tinha passado, e eu podia levar isso adiante. Aí eu fiz a indicação para saber se o Paulo Egydio concordaria e convidei o Vlado para uma conversa. Foi só aí que eu o conheci.

56 – Casa de Luis Weis.

Luis Weis: Então, o jornalismo da TV Cultura passou a ser alvo... a partir até de uma coincidência... porque dias depois de o Vlado assumir a direção do jornalismo – e pelo que eu sei à revelia dele – o pessoal botou no ar, numa boa... um documentário sobre a Guerra do Vietnã.

57 – Casa de Alberto Dines.

52

Alberto Dines: Começou em maio, junho... começaram pressões, não é? E sobre o Herzog, sobre o grupo que estava na TV Cultura, a coisa foi mais específica. Havia um jornalista... acho que está vivo até hoje, chamado Cláudio Marques... que trabalhava lá e estava ideologicamente comprometido com o esquema dos órgãos de segurança, e ele tinha uma coluna, bastante grande no *Shopping News* de São Paulo, que mais tarde pertenceu ao *DCI*. E a coluna dele era ditada pelo pessoal dos órgãos de segurança. E ele começou a dar notas contra o Herzog, contra o grupo da TV Cultura, contra Mindlin: *Seria bom que passassem uma temporada na hospedaria do DOI-CODI, dizem que faz muito bem...* Saíram varias notas.

58 – *Inserts*: Foto (de jornal) de Cláudio Marques.

59 – TV Cultura.

Paulo Markun: No dia 4 começou o tiroteio, 4 ou 5 logo depois, saiu uma 1ª nota na coluna do jornalista Cláudio Marques que dizia: *Os comunistas tomaram a TV Cultura, TV Viet-Cultura ...* por função de uma matéria da BBC de Londres que hoje seria exibida em qualquer emissora brasileira. Não tinha nenhum tipo de problema, obviamente, mas que naquela época parecia provocação e essa matéria era sobre o Ho Chi Minh e o curioso, quer dizer... é que isso instantaneamente foi parar na imprensa como um sinal da subversão ter tomado conta da TV Cultura.

60 – *Insert*: reportagem de jornal “A TV Viet-Cultura” onde se denunciava: “os comunistas estão de volta à TV Cultura”.

53

61 – Paulo Markun: A partir daí, eles começaram a achar que aquilo – porque viram os nomes – aquilo tinha se tornado um reduto da subversão. Agora veja só, você acha que o nome do Vlado não foi submetido e aprovado pelo SNI antes de assumir a direção do jornalismo numa TV pública, mais estatal que pública? Claro que sim. Mas isso não bastou.

Porque aí se juntam dois processos que são muito claros. De um lado, a repressão ao Par-



tido Comunista, que era clandestino e do qual o Vlado e eu fazíamos parte, outras pessoas participavam. E do outro lado essa repressão enorme contra a TV Cultura que, vendo com os olhos de hoje, é nítido que isso era parte de um jogo de poder que envolvia o presidente Geisel, o General Silvio Frota, Paulo Egydio, enfim, setores dos militares e do regime que estava começando a se transformar, uma transformação que colocava alguns setores militares em violento confronto. E nós éramos o marisco entre o rochedo e o mar nessa confusão danada. Foi um processo que durou do início de setembro até a morte do Vlado.

62 – Portão de entrada do DOI-CODI, um dos principais centros da repressão política da ditadura militar no Brasil.

Cenas de arquivo (reportagem de Mônica Teixeira para a TV Cultura)

JBA (*Off*): Esse é o prédio onde funcionou durante o regime militar um dos mais terríveis órgãos da repressão política, o DOI-CODI, ligado ao 2º Exército. Centro de triagem, investigações e, sobretudo, de tortura e de assassinatos políticos. Por aqui passaram centenas de brasileiros, muitos dos quais mortos ou desaparecidos, entre eles o Vladimir Herzog, o Vlado. Mas a prisão de

Vlado é o momento mais dramático de um processo iniciado pelo menos um ano antes. Já sem a guerrilha para reprimir, o sistema repressivo militar se volta contra um velho partido que se recusara ao caminho armado.

63 – Casa de João Guilherme, ex-dirigente do PCB (Partido Comunista Brasileiro). João Guilherme: E então o PCB, embora nunca tivesse usado a luta armada nessa etapa de resistência democrática, sofreu todas as consequências do ponto de vista da repressão, como se tivesse feito. O PCB ou pelo menos setores importantes das suas direções foram literalmente dizimados, assassinados com tortura, a sangue-frio. O partido foi enfrentado como uma organização com muito mais força e influência que na verdade tinha. Um exagero. E isso chegou até a criar nos setores da repressão principalmente aqui em São Paulo, a Rua Tutóia, o DOI-CODI, uma paranoia a respeito de uma superorganização secreta manipulada pelo PCB e pelo MCI, Movimento Comunista Internacional, para desestabilizar o regime aqui no Brasil.

56

64 – Casa do jornalista Marco Antonio Tavares, ex-dirigente do PCB, barbaramente torturado numa prisão militar nos anos 1970.

Marco Antonio Tavares: Nós sentimos que a reação estava se fechando contra nós e que nós





tínhamos que preservar a direção do partido mandando muitos dos diversos dirigentes do partido para o exterior. Inclusive foi o caso do Prestes. Houve uma reunião do Comitê Central em 73, janeiro de 73... em que foi decidido inclusive que Prestes deveria ir para o exterior. Por isso ele ficou preservado dessa repressão tremenda que se desabou contra nós. E pouco a pouco, então nós começamos a perceber que os dirigentes, um grupo de dirigentes do Partido Comunista começou a ser preso em diversas oportunidades. Agora, as prisões deles eram prisões secretas. Não era como, por exemplo, o caso Marighella. Quando eles encontraram o Marighella, imediatamente a notícia foi para a televisão, na mesma hora, a notícia que o Marighella tinha sido preso. Pois bem, com os dirigentes comunistas não acontecia isso. Com esses dirigentes comunistas – foram 12 dirigentes comunistas, homens da maior importância, de um passado de luta com grandes serviços prestados à nação brasileira como Orlando Bonfim Júnior, grande advogado em Belo Horizonte; Aloísio Maranhão Filho, deputado no Rio Grande do Norte; como Jaime Miranda, deputado em Alagoas; como Davi Capistrano, deputado em Pernambuco, e que foi membro, inclusive, da Brigada Internacional na luta antifascista durante a guerra civil; como Walter Ribeiro, não é, ex-oficial do Exército

também expulso das Forças Armadas. E, assim, vários desses companheiros foram apanhados e simplesmente desapareceram.

PRISÕES

Aqui a montagem segue a ideia de um “personagem coletivo”, passando de um depoimento a outro como se a experiência de cada um se somasse às experiências dos outros. Todos os depoimentos foram filmados nos mesmos ambientes anteriormente citados para cada participante.

65 – Fotos Geisel e Golbery

60 JBA (*Off*): Procurando atingir Geisel e Golbery, os militares de linha dura fazem sua caçada entre os jornalistas. Era preciso mostrar que o País estava minado pelos comunistas com a conivência do governo federal.

66 – Fernando Moraes: Várias pessoas já estavam presas. Serjão, Anthony estavam presos, Duque, Markun, Konder e às 4 horas da tarde, mais ou menos, eu estou trabalhando na minha mesa – funcionava aqui na Av Paulista a Editora Três, no 1500, da Av Paulista, no 15º andar – e o Luis Carta, o Luigi ... falecido Luis Carta, saudoso Luis Carta... que era um italiano vermelho, sanguíneo, chegou na minha mesa,

ele, um dos meus patrões, chegou na minha mesa lívido, branco e falou entredentes: *Junta suas coisas e sai pela escada, desce pela escada... não sai pelo elevador que tem um major e um capitão do Exército à paisana conversando com o Domingos. O Domingos vai tentar enrolá-los o maior tempo possível. Ele está dando café, conversando... Eles vieram pra te pegar.*

67 – Paulo Markun: Desde o momento em que os outros companheiros meus da área do movimento estudantil, colegas de velhas batalhas como Sérgio Gomes e outros, tinham sido presos, eu sabia que era uma questão de tempo. E estava preparado para isso, teoricamente, imaginava que estava. Mas não sabia nem jamais podia imaginar que minha mulher fosse presa junto comigo, a Diléia, que era mãe da nossa filha, que tinha 6 meses na época – hoje tem 30 anos. E jamais imaginei isso. E nem pude imaginar que esta prisão resultasse na prisão do Vlado, e muito menos na morte dele.

68 – Frederico Pessoa (jornalista): Na realidade, eu não fui preso. Eu fui – e acredito que da mesma forma que todo mundo – eu fui sequestrado, que é diferente de preso. Os caras chegaram lá no meu trabalho e sequer admitiram para o meu chefe na época que eu estava sendo preso. *Não, ele vai nos acompanhar.* E não admitiam que



ele fosse junto nem admitiam dizer pra onde, enfim e, logo na saída do trabalho estava lá uma ou mais, não sei, Veraneio, onde você era encapuzado e levado para um lugar sem saber pra onde. Pela comunicação do rádio, eles se comunicando pra onde leva pra onde não leva, informando que eu estaria sendo levado para o centro cirúrgico.

69 – Paulo Markun: Eu tinha saído daqui numa sexta-feira, antevéspera do aniversário da Diléia, da minha mulher, para comprar uma bicicleta, que era o presente de aniversário que eu ia dar pra ela. Levei para casa e estava montando a bicicleta na garagem da casa, num sobradinho na Zona Sul de São Paulo, quando chegou a perua do DOI-CODI – que era uma coisa que todo mundo sabia como é que era. Ninguém queria ver, mas todo mundo sabia que era uma Veraneio, com placa fria, três ou quatro caras vestidos em roupas civis que se apresentavam, muitas vezes, educadamente, como foi no meu caso. Os caras disseram *O senhor é o Paulo Sérgio Markun? Sim, senhor. Nós somos do 2º Exército. Queríamos que o senhor viesse conosco.*

70 – Anthony Christo (jornalista): E a Carmen, minha mulher, estava com uma amiga nossa no andar de cima no sobrado. Eu chamei a Carmen, ela desceu, e eu falei: *Olha esses senhores aqui*

estão me levando preso. Não é preso. O senhor só vai prestar um depoimento".

71 – Rodolfo Konder: Tocaram a campainha. Eu abri. Eram dois sujeitos grandes, entende? Quer dizer, me davam a impressão ali de serem muito maiores provavelmente do que eram, mas eram grandes. Aí, eu pedi licença pra botar uma roupa, porque eu estava de pijama. Eles me deixaram trocar de roupa. Botei a roupa e saí com eles, não me algemaram, saímos os três. O porteiro ficou olhando. Achou estranho, o porteiro do prédio. Aí entramos numa caminhonete e dentro da caminhonete um deles disse *Agora, o senhor por favor vai nos permitir colocar um capuz na sua cabeça que nós temos ordens e ninguém pode saber para onde o estamos levando*. Então, enfiou um capuz preto na minha cabeça, mas ainda educadamente. Depois eu ia sentir saudade dessas gentilezas.

64

72 – Jorge Duque Estrada: Desci, sentei no banco traseiro da C-14 deles – eles vieram com uma C-14, que era uma C-14 azul-marinho quase preta. Aí sentei e fomos conversando, eles falando normal. Quando chegou na Thomas Carvalhal descendo pela Paulista...Mais ou menos na entrada da 23, eles me mandaram enfiar um capuz na cabeça.



73 – Sérgio Gomes: E chegamos até a outra rua, andamos, pegamos um táxi... mas logo em seguida fomos cercados embaixo ali de um viaduto, atrás da igreja, e aí imediatamente saíram uns caras armados com metralhadoras se dizendo do Esquadrão da Morte, nos retiraram do táxi nos enfiaram cada um num carro e em seguida nos levaram para o quartel-general da PE, da Polícia do Exército lá no Rio de Janeiro onde começaram as barbaridades.

74 – Diléia Frate (jornalista): Havia uma gritaria muito grande de uns caras ali dizendo que era noite de São Bartolomeu, uma coisa muito assustadora e começou aquela...

66

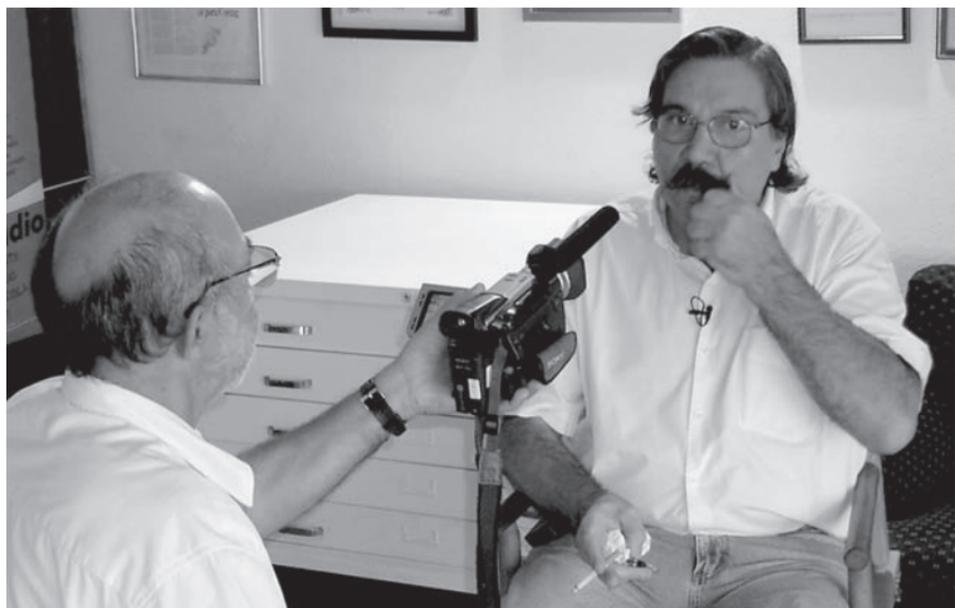
JBA – Gritaria onde?

Diléia – Gritaria nos corredores...

JBA – Do DOI-CODI?

Diléia – DOI-CODI. E havia uma gritaria muito grande, aquela confusão toda. Eles mesmos faziam clima de terror para intimidar a gente, né?

75 – Rodolfo Konder: E aí me levaram lá para o DOI-CODI. Lá, primeiro me fizeram tirar a roupa, botar um macacão do Exército sem cinto, esse detalhe depois foi importante para acabar com



aquela farsa de que o Vlado tinha se suicidado. Ninguém ficava com cinto lá dentro. Um macacão do Exército, examinavam o sapato para ver se não tinha cordão, se tivesse também tiravam e me fizeram tirar as impressões digitais para fazer uma ficha, fotografias e depois me levaram a uma sala onde tinha outras pessoas. Inclusive o Duque Estrada ficou nessa sala comigo também e ficávamos ali sentados num banco de madeira e com um capuz preto enfiado na cabeça até a hora do interrogatório.

68

76 – Jorge Duque Estrada: A primeira coisa que você sofria era um “estressamento” pelo barulho. Quer dizer, a todo momento tocava-se a campainha, a todo momento batia-se porta, para não deixar você estabilizar.

77 – Paulo Markun: No momento da prisão, da chegada ao DOI-CODI, e mesmo vamos assim dizer nas primeiras 24 ou 30 horas, a única coisa que eu ouvia e sentia eram gritos, eram pessoas chorando e gritando, barulho de pancada, de espancamento, mas, principalmente, quer dizer, muito grito, muito... E eu estava encapuzado, algemado.

78 – Sérgio Gomes: O DOI-CODI era um capuz. A grande materialização dele era o capuz. Quer saber por quê? Porque era com o capuz que você ia

e voltava da tortura, que você ia e voltava para os interrogatórios, que você ia pra ser solto ou buscar um companheiro, ia entregar ou denunciar onde ele morava – coisas que eram inúteis e desnecessárias, feitas apenas para constranger e humilhar as pessoas. Era o cheiro desse capuz, que alguém descreveu como o cheiro do medo, mas era realmente um capuz de pano vagabundo que estava na cabeça da gente nos momentos mais críticos.

A TORTURA

Aqui também a montagem segue a ideia de um “personagem coletivo”, passando de um depoimento a outro como se a experiência de cada um se somasse às experiências dos outros.

69

O importante aqui é o caráter absolutamente vivencial dos depoimentos. A ideia é transmitir ao espectador não uma crítica exterior, racionalizada, mas o que era viver aqueles momentos de dor e humilhação, sob tortura.

79 – Rodolfo Konder: Primeiro, a conversa era uma conversa áspera mas eu tive a impressão de que ainda poderia, entende... contra-argumentar. Começamos a discutir, eu disse que nós éramos um grupo de jornalistas e intelectuais preocupados em discutir os destinos do Brasil, mas que não tínhamos nenhuma ação subver-

siva, essas coisas. Aí o sujeito se irritou e disse: *Você está querendo me fazer perder tempo, seu comuna de merda, seu filho da puta?* E aí me deu um tranco e disse assim: *Você vai ver uma coisa.* Passou pelo meu lado, e eu de capuz, hein? Já é uma discussão estranha você discutir com um cara você de capuz preto na cabeça, sem ver a cara do sujeito. Mas, enfim, eu ainda tentava discutir. Aí ele passou pelo meu lado, abriu a porta e disse: *Marechal, manda vir uma equipe aí e manda trazer a pimentinha.* Eu achei aquilo estranho e fiquei imaginando o que seria a pimentinha. E confesso a você que não me senti bem pensando no que seria a pimentinha.

70

80 – Frederico Pessoa: No primeiro momento, o pavor, o medo da tortura. Quer dizer, você ainda não sabe tudo que eles vão fazer com você. Então você fica com mais medo do que vem pela frente do que aquilo que você já está passando. Um segundo momento é o momento em que o corpo grita pelo que você está sofrendo.

JBA – Que tipo de tortura você recebeu?

FP: Comigo foi basicamente espancamento e choque elétrico na Cadeira do Dragão.

81 – Rodolfo Konder: A pimentinha na verdade não era o que eu imaginava, era uma outra coi-

sa, mas não era nada melhor. Era uma máquina de choques elétricos que eles chamavam de pimentinha. Aí vieram dois sujeitos, aos gritos, eu sentado num banco, capuz preto na cabeça. Me deram uns trancos, uns tapas e aí instalaram a máquina, me obrigaram, eu mesmo, a botar os fios nos pulsos e nos tornozelos e aí começaram a me dar choques elétricos. Inclusive um deles, com o fio desencapado, dava choques no pescoço, na orelha, nas costas, entendeu?

82 – Paulo Markun: Na hora em que botaram a minha mulher na cela ao lado e começaram a dar choque nela, eu simplesmente disse: *Faço qualquer negócio para parar com essa história.*

71

83 – Diléia Frate: E eu, naquela sessão de tortura toda eu falei que era um engano, que eu era católica, e eu sou...

84 – Paulo Markun: Aí, começaram a dar choque nela. Eu não sabia que ela estava de tênis e portanto os choques nem foram tão violentos assim. Aí, me tiraram a roupa, me deram choque no corpo todo, pênis, etc., durante um período, um tempo, 1 hora, 2 horas, não sei nem direito. E foi esse digamos esse foi o limite a que eu cheguei.

85 – Diléia Frate: As coisas pararam. Eu tive um momento parece que foi o Espírito Santo baixou

em mim, porque eu tirei o capuz preto, porque você é torturado de capuz preto, eu arranquei esse capuz, olhei no olho da pessoa que estava me torturando e disse para ele que ele não acreditava em Deus, e que ele não deveria ter família, primeiro porque estava fazendo uma coisa daquelas, segundo, fazendo com uma mãe recente, porque eu tinha tido a minha filha há pouco tempo.

72

86 – Paulo Markun: Na segunda vez que eu voltei para o interrogatório os caras me perguntaram: *E o Vlado?* Então, tinha o nome do Vlado ali. Eu disse: *Não, o Vlado também fazia parte do Partidão, como os outros jornalistas* e citei vários jornalistas que tinham sido quase todos eles presos.

87 – Sérgio Gomes: Existia uma sala onde havia uma Cadeira do Dragão, isso pode ser descrito como se fosse um trono, com um tampo de metal. Ali se amarravam os braços e as pernas com uma trave... um sarrafo... você ficava completamente imobilizado e a prática mais regular era exatamente de amarrar um fio na orelha, outro no pinto e aí, com um dínamo, dar choque. Com esse capuz, no caso dessa equipe que matou o Vlado, esses caras tinham uma técnica especial porque, ao mesmo tempo do choque, as pessoas gritavam, eles davam porradas de todo tipo com

sarrafos e socos...um cara então apertava aqui esse capuz preto e ele jogava amoníaco aqui na altura da testa e esse amoníaco empapava a trama desse capuz, que era de uma lonita relativamente grossa, então dava para empapar bastante de amoníaco e à medida que você vai levando esses choques ele produz uma coisa que, se você estiver expirando, você não consegue inspirar e se você estiver inspirando você não consegue expirar. Então essa máquina faz com que você fique com a respiração completamente convulsa.

88 – Rodolfo Konder: Naquele momento você fica muito assustado, né? Eu nunca tinha levado choques elétricos, nunca tinha sido torturado, mas a verdade é que eles te batem, que eles torturam você pra quebrar você, entendeu? O objetivo ali primordial é vergar você... botar você de joelhos, entendeu? Quer dizer, eles já não estavam mais interessados no que eu ia dizer até porque eu não conseguia falar, eu gritava, mas eles queriam me quebrar. E eu vou te dizer ... conseguem.

89 – Frederico Pessoa: Eu não sei, quer dizer... você ser fisicamente destruído, né? E tem certo momento em que você se sente literalmente desmontar. Quando te aplicam choque no ouvido, na boca, no ânus, você sente como se tivesse

desmoronando, entendeu? E essa sensação te acompanha para o resto da vida, quer dizer... de você desmanchando por dentro.

90 – Anthony Christo: Quando quebra a tua dignidade, quer dizer, quando te deixa num patamar de absoluta falta de consciência ou de limite que você possa impor sobre o teu próprio corpo, sobre tua própria cabeça e sobre teus próprios sentidos, acabou o ser humano.

74 **91** – Frederico Pessoa: Tem momentos, quer dizer, em que o sofrimento das outras pessoas chega a ser muito mais forte que o teu próprio sofrimento. Quando você vê um amigo, companheiro, quer dizer, uma pessoa sendo torturada na tua frente, quer dizer, isso no meu caso, a minha mulher, isso te marca para o resto da vida.

92 – Sede do Movimento “Tortura Nunca Mais” .

Rose Nogueira (jornalista): Na verdade, a tortura foi usada como sistema exatamente igual aos nazistas, ela foi usada aqui no Brasil e não pela primeira vez. O Estado Novo também usou. Mas ela era o sistema que segurava a ditadura. Foi usada como sistema. Tanto que, se você estudar, você vai ver de cada grupo, seja um grupo de estudantes, um grupo de estudo que eles consideravam subversivo, um grupo de música ou



uma organização armada ou um partido como o Partidão ou o PC do B, ou qualquer coisa, todos tiveram um líder morto. Até hoje, são aterrorizantes as fotos deste livro aqui, este livro aqui é o dossiê de mortos e desaparecidos na ditadura e nós vamos ver fotos que nos matam de vergonha e pena. Até hoje a gente chora diante delas.

93 – *Insert*: Páginas do Dossiê, com as fotos dos mortos (ou de seus cadáveres mutilados).

A PRISÃO DE VLADO

94 – Clarice Herzog: Eu estava lá em casa, aí chegaram dois caras com cara de policial. Aí me perguntaram uma pergunta idiota, que era... queriam ele pra fazer um "frila" de casamento, fotografia. Eu falei: *Ele não é fotógrafo, não faz free-lance – Onde ele está? Ele está no trabalho na TV Educativa.* Aí eles ligaram, perguntaram pra mim qual era o endereço de lá. *Ah, eu não sei o endereço. Eu sei ir até lá, mas não sei o endereço. Pode deixar que a gente se arruma.* Eles saíram, eu imediatamente liguei para o Vlado. Ele estava entrando na cabine para colocar no ar o programa. Foi o último programa que ele colocou no ar. Eu peguei o telefone e ainda falei com ele: *Eles estão indo para aí. Eles não sabem onde é. Vou pegar as crianças, vou correndo para aí.* Tirei da cama as crianças, e fomos pra lá. Eu

achava que eu ia chegar antes. Mas quando eu cheguei, eles já estavam lá.

95 – *Travelling* dentro da TV Cultura: carros, a placa com o nome de Vlado.

JBA (*Off*): Na TV Cultura, jornalistas negociam com os policiais e evitam a prisão de Vlado. Vlado aceita se apresentar ao 2º Exército no dia seguinte, aceitando como garantia que um repórter setorista da área militar dormisse em sua casa e o acompanhasse no dia seguinte.

96 – *Planos seguidos do trajeto da casa de Vlado/Clarice até o DOI-CODI, simulando o trajeto do carro que levava Vlado. Cenas de pessoas na rua, olhando para a CAM, como se olhassem para Vlado.*

77

JBA (*Off*): Na manhã do dia 25 de outubro de 1975, um sábado, Vlado se despede de Clarice, dos dois filhos, Ivo e André, e sai levado no carro do repórter que dormiu em sua casa naquela noite. Cumpria assim sua promessa, apresentando-se livremente, disposto a preservar sua opção absolutamente anticlandestina de agir e de pensar. O destino final, onde sabia estar muito de seus amigos companheiros de trabalho desde a revista *Visão* era o estranho prédio da rua Tomas Carvalhal – o DOI-CODI.

97 – Rodolfo Konder: Depois de um certo tempo, eu estava sentado ao lado do Duque, já tínhamos falado, entende? E a gente, de vez em quando, levantava um pouquinho com cuidado a ponta do capuz e via as pessoas assim sentadas, mas via mais as pernas e os pés. E quando chegavam pessoas novas, a gente também percebia. E o Vlado chegou e imediatamente... Você conhece o cara há anos, trabalhou com ele o tempo todo na mesma sala, até compramos sapatos juntos, então identifiquei logo que era ele.

78

98 – Jorge Duque Estrada: Eu olhei para o lado, o Rodolfo estava ao meu lado esquerdo e eu disse: *Olha, Rodolfo, acabou de entrar o Vlado aí.* Porque dava pra perceber, com essa mecânica de levantar a cabeça e empurrar o capuz para trás, dava pra perceber a presença das pessoas que chegavam, que você conhecia, não conhecia. Então, o Vlado entrou. Foi quando eu avisei o Rodolfo.

99 – Rodolfo Konder: Mas depois de algum tempo, o mesmo carcereiro veio nos chamar, a mim e ao Duque Estrada. E aí nós saímos, guiados por ele e entramos numa sala ao lado da sala onde nós estávamos no próprio térreo, e o Vlado estava lá.

100 – Jorge Duque Estrada: Nós dissemos... eu disse: *Vlado, está tudo aberto. Já ficou tudo aberto tá?*

Aí ele disse pra mim: *Mas Duque, eu não tenho nada com isso. Você, inclusive, sempre me procurou pra falar sobre cinema porque você gostava. Eu gosto também... não sei o que... tal...*

101 – Rodolfo Konder: Mas aí o Vlado reagiu: *Eu não sei do que vocês estão falando. Eu nunca fui comunista, eu não sei do que vocês estão falando.*

A MORTE

102 – Rodolfo Konder: Como a sala onde ele estava era ao lado, nós logo começamos a ouvir os gritos dele. Aí ele começou a levar porrada. Ouvimos primeiro dos gritos dele, como quem está levando socos e tapas, etc., mas depois os gritos dele se modificaram e eram gritos típicos de quem está levando choques elétricos, que os gritos são diferentes. Inclusive, quando você leva choque o grito sai das entranhas, entendeu? Ele não vem aqui da garganta, ele vem lá de dentro, não é? Aí depois botaram alguma coisa na boca, provavelmente um pano, mas ele continuava gritando e eles... até saiu alguém da sala onde ele estava sendo torturado, e ligou o

rádio no corredor, e no rádio estava dando, e eu me lembro desse detalhe, a notícia de que o Generalíssimo Franco estava morrendo e tinha recebido a extrema-unção em Madri. Aí os gritos demoraram algum tempo, depois tudo parou de novo.

103 – Jorge Duque Estrada: Então os pássaros cantavam, mas um silêncio mortal dentro do DOI-CODI. Quer dizer, eles tocavam campainha, batiam porta... de repente, passaram a fazer um silêncio reverencial.

80

104 – Rodolfo Konder: Passou-se algum tempo, aí eles nos retiraram todos da sala e levaram para o andar de cima, supostamente para reconhecer algumas fotos. Ninguém sabia quem eram as pessoas das fotos. Na verdade era uma manobra pra nos tirar daquela sala, porque o corpo do Vlado teria que ser retirado por ali. Ali era o caminho de entrada e saída, entendeu? Então ele já estava morto, mas nós não sabíamos.

105 – Georges Bourdoukan: Eu falei com a Clarice: *Não, Clarice, não vai ter nada. Porque... pô, ele que se apresentou, não tem nada. E, depois, o seguinte: eu fui preso um ano antes, e não aconteceu nada, estou vivo. Pode ficar tranquila.* E eu fui pescar, pô. Fui pescar lá numa represa, entendeu, tranquilo. Eu tinha certeza absoluta

que não ia acontecer nada. Quando voltei, à noite meu irmão falou: *Mataram o Vlado. Falei: O quê?*

106 – Clarice Herzog: E aí fui fazer uma das coisas mais difíceis pra mim, foi falar com a Dona Zora. Porque quando eu fui contar pra D. Zora, ela falou: *Vão matar meu filho, vão matar meu filho. Eu tenho um tio morto na repressão. Vão fazer como fizeram com seu tio durante o Estado Novo. Não, D. Zora, não existe mais tortura neste país.* Eu tentei acalmá-la, e horas depois eu tive que falar que ele estava morto. Foi muito duro pra mim.

107 – Fátima Jordão: Isso devia ser mais ou menos meia hora depois que a Clarice soube. A Clarice estava sozinha em casa, nós ligamos para a Clarice pra perguntar se ela queria ir pra casa ou jantar com a gente. *Não, eu prefiro ficar tranquila, porque meus filhos estão muito excitados e já foram para cama. Então eu estou tranquilamente lendo aqui.* E depois, meia hora depois, nós soubemos. Quando eu soube, fui direto pra lá, a Clarice nem me chamou, eu fui direto pra lá. E quando estavam acabando de sair uns homens, que depois eu soube que eram diretores da TV Cultura, que foram avisá-la oficialmente.

108 – Clarice Herzog: Foi um dia terrível, um dia terrível. Porque no final da tarde, começaram a ligar pra mim, queriam falar comigo. Procurando o diretor do canal 2, na minha casa. Como eu nem sei quem é, não tenho contato nenhum. Aí comecei a achar que tinha acontecido alguma coisa. E quando o pessoal do canal 2 chegou, na hora eu comecei a berrar, que tinham assassinado o Vlado. Isso eu tinha certeza. Em nenhum momento eu tive dúvida disso.

DOCUMENTOS NO ARQUIVO DO ESTADO

109 – *Arquivo do Estado. CAM entra, salas cheias de pastas. Um funcionário (F), Alfredo Moreno Leitão, atende.*

82

F: Este é o material que a gente tem aqui é todo do DOPS.

JBA: Sei. E quantas fichas tem este arquivo?

F: Olha, o fichário tem um pouco mais de um milhão de fichas.

JBA: É mesmo? Quer dizer, a sociedade era bem vigiada pelo DOPS.

F: Bem vigiada.

JBA: E sobre o Vladimir Herzog , o que tem aí?



F: Tem bastante coisa, várias fichas, várias informações sobre ele. Da vigilância que a polícia fez antes e depois da morte dele.

JBA: Ah é? E onde é que está esse material?

F: O material está espalhado por aqui.

JBA: Posso ver?

F: Vou mostrar alguma coisa.

110 – *Filmagem das pastas até as fotos de Vlado morto, provocando, na hora, uma fala emocionada de JBA, em off, sobre as fotos. Essa fala, gravada naquele momento, é a que foi utilizada no filme.*

84

JBA (*Off*): Vlado estava morto, agredido violentamente por seu torturador. Ele se recusava a redigir a confissão com os nomes de seus companheiros. Eu posso imaginá-lo naquele momento, em sua cela, debilitado, ferido, exigindo que então lhe ditassem a confissão, já que não sabia escrever o que não fosse de acordo com sua consciência. Ditam-lhe um texto policiaisco com termos como aliciar, que Vlado jamais usaria. Depois, ditam-lhe os nomes. Ao terminar de escrever, num gesto final de indignação, rasga o bilhete e joga os pedaços ao lado da cadeira es-

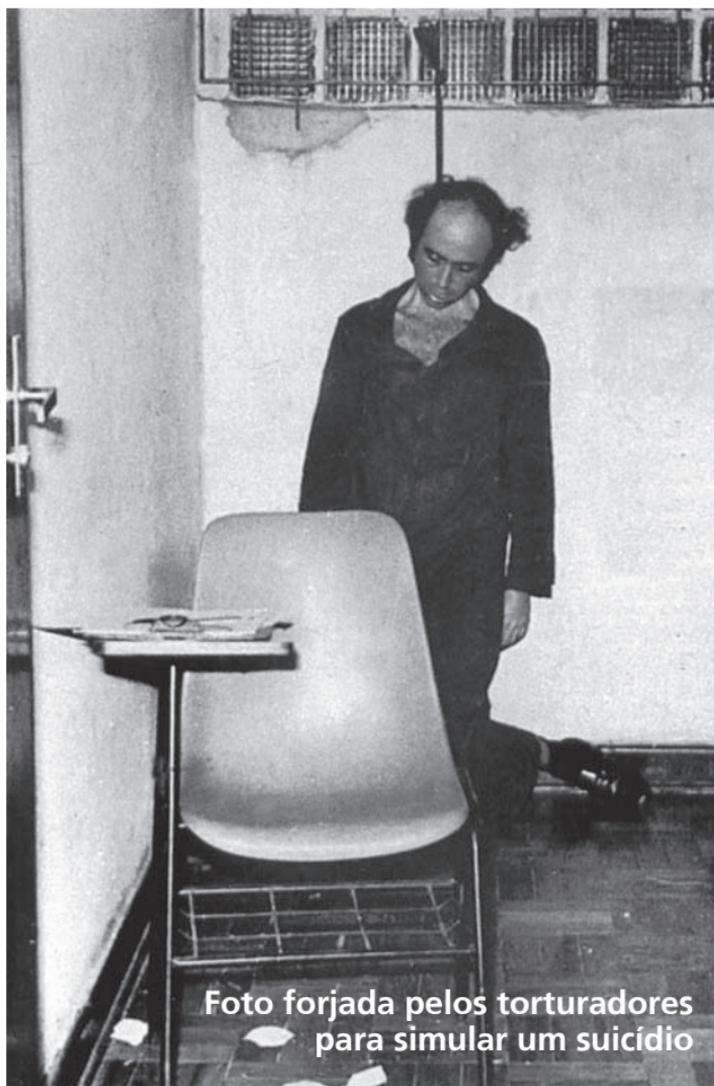


Foto forjada pelos torturadores para simular um suicídio

colar em que se sentava. O braço tatuado e forte de seu torturador desce sobre sua cabeça numa agressão descontrolada e mortal. O serviço sujo estava feito, intencionalmente ou não. Agora era preciso agir. Não bastava matar o prisioneiro. Era preciso livrar-se da responsabilidade pela sua morte. Humilhar sua vítima, encenando a farsa do suicídio.

111 – Rodolfo Konder: No dia seguinte, o comandante do DOI-CODI nos chamou, só os jornalistas, para dizer que o Vlado tinha se suicidado e que ele era agente da KGB. Aí o Markun até protestou, o cara foi pra cima do Markun. *Vocês não sabem de nada. Nós sabemos inclusive que o governo brasileiro está infiltrado de agentes da KGB!*

86

112 – Paulo Markun: E que essa conversa pós-morte do Vlado tinha o objetivo de mostrar para nós, comunistas, que, em primeiro lugar, o Partido Comunista não era dirigido pelos dirigentes que a gente ouvia falar, como o Luiz Carlos Prestes e outros, mas sim por figuras insuspeitas e ilibadas como um general, um cardeal e um governador. Isso foi dito. Segundo, que o Partido Comunista Brasileiro, que a gente sabia, que era reformista, como se dizia, que pregava a luta legal, que só agia nas fímbrias do jogo democrático, era sim a favor da luta armada e

havia um documento que eles mostraram. E três, que o Vlado era agente da KGB e por isso tinha se suicidado.

113 – Rodolfo Konder: E depois, ele disse assim: *Vocês têm que entender que aqui a pessoa veio pra cá entra no cacete. Pode ser até o Presidente da República. Caiu aqui, entra no pau.*

114 – Paulo Markun: Havia algo que envolvia o Geisel e o Silvio Frota, que o Ednardo, comandante do 2º Exército, estava meio que fora do controle e que esse processo de abertura política estava incomodando.

115 – Rodolfo Konder: Um tipo de conflito que depois a gente foi vendo com mais clareza. Quer dizer, ali é que eu comecei a entender que era uma briga entre dois elefantes. E como diz um velho provérbio indiano: Quando dois elefantes brigam, quem sofre é a grama. E nós éramos a grama. Eles nos pisotearam .

116 – Casa de José Mindlin

José Mindlin: Eu cheguei sábado, em NY, e domingo de manhã eu estava no Texas, quando recebi a notícia da morte do Vlado. Foi um choque terrível.

117 – Revista *Carta Capital*.

Mino Carta: Na tarde de domingo, eu liguei para o general (Golbery) e me disseram: Ele está chegando agora. Ele não sabia de nada. Porque ele ficava isolado na Granja do Torto. Aí eu disse pra ele: *General, eu o procurei na madrugada de sábado por causa disso, porque tinha sido preso o Vlado Herzog e, olha, ele morreu.* E ele começou a gritar no telefone: *Mataram! Mataram!* Quer dizer, ele percebeu o que isso significava e como a morte do Vlado se inseria num quadro de uma luta de poder instalada lá dentro, né?

88

118 – José Mindlin: Telefonei ao governador (Paulo Egydio Martins) dizendo que eu estava voltando ao Brasil e que precisaria falar com ele logo que chegasse. Mas só consegui o bilhete de volta na terça-feira. Cheguei na quarta e fui procurá-lo com uma carta de demissão. E ele me disse: *Você está liberado porque essa é a nossa combinação. Mas se você sair você enfraquece a corrente de resistência contra essa ala radical do Exército que comanda a repressão. Eles pegaram o Vlado para pegar você, pegariam você pra me pegar...* diz o Paulo Egydio. *E me pegariam para derrubar o Presidente.*

O ENTERRO



119 – Montagem de fotos de Elvira Alegre. Imagens dramáticas, o sofrimento de Clarice, dos filhos, amigos e da mãe de Vlado, Dona Zora.

Como som: o canto fúnebre judaico, como um lamento, na voz de Avi Burzzin.

120 – *Travelling*, CAM entrando no Cemitério Israelita do Butantã (onde Vlado foi enterrado, por decisão do Rabino Henry Sobel, em área de não suicidas, contrariando a versão oficial da ditadura). CAM chega ao túmulo de Vlado.

O CULTO

90

121 – Cúria Metropolitana.

Dom Paulo: Eu estava em Itaici, numa reunião de bispos e presidindo a reunião do Estado, então me telefonaram pra lá, que queriam fazer uma homenagem religiosa, se fosse possível até uma liturgia compartilhada com os judeus e se eu estava de acordo que isso fosse na Catedral.

122 – Escritório jornalista (na época desses episódios, Presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, ex-Deputado Federal) Audálio Dantas.

Audálio Dantas: As horas que se seguiram até o culto ecumênico que se realizou na sexta-feira,

no dia 31 de outubro, foram de absoluto suspense, de absoluto... É difícil encontrar a palavra. De tensão total, de não se sentir o chão debaixo dos pés.

123 – Sala do Rabino Henry Sobel.

Henry Sobel: Eu fui ameaçado. Dois generais do governo militar, naquela época, vieram aqui, para me convencer que meu lugar não era lá na Catedral.

124 – Dom Paulo: *E eles disseram: É, você indo lá, todos podem ser mortos, porque tem 500 praças espalhados na Sé. Com qualquer grito que alguém dê, ou qualquer manifestação que haja, eles têm a obrigação de atirar e atirar pra matar!*

91

125 – Audálio Dantas: E que aquele momento era preciso ser conduzido com todas as medidas que impedissem a reação daquele setor que no momento conspirava contra a possibilidade de o regime ter o mínimo de abertura.

126 – Henry Sobel: O Dom Paulo e eu, na noite anterior, tivemos uma reunião e decidimos que o culto ecumênico era a nossa manifestação de repulsa pública, a manifestação de repúdio

contra as mentiras do governo militar naquela época. E lá nós estávamos, o Cardeal, o Pastor, o reverendo Jaime Wright e eu. Calculavam-se 8 mil pessoas na Catedral da Sé e dentro e fora da Catedral.

127 – Dom Paulo: Quando eu entrei na catedral e vi tanta gente e gente tão comovida, chorando, à frente de uma pessoa querida na cidade, estimada na cidade, quando eu vi isso, me enchi de esperança em favor do povo brasileiro.

128 – Cenas do Culto Ecumênico de 1975.

92 *Uma multidão de fora da Catedral da Sé, a Igreja lotada, Clarice, os filhos Ivo e André, amigos, políticos, jornalistas.*

129 – Casa de Alberto Dines

Alberto Dines: Não se pode dizer que seja um protesto direto, um desafio direto, mas um protesto silencioso e muito mais profundo e mais forte.

Isso mexe com as pessoas. Mexe com as pessoas, porque não é uma coisa clerical de uma religião, não, não, é das religiões, dos espíritos que se juntam.

130 – O Culto Ecumênico.

O Pastor Jaime Wright, o Rabino Henry Sobel e Dom Paulo celebram o culto.

Pastor J Wright: Preparas-me uma mesa, na presença de meus adversários. Unges-me a cabeça com óleo. O meu cálice transborda.

Dom Paulo: Um momento de silêncio para se criar um clima de oração e de solidariedade entre os homens, entre os homens, com Deus.

Henry Sobel: Para Vladimir Herzog... ser judeu significava ser brasileiro

93

Audálio Dantas, então Presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, extremamente emocionado e tenso, prepara-se para falar.

Audálio Dantas: Em nome de Deus-homem nós pedimos paz, nós desejamos a paz. A paz, que é uma necessidade do homem. Nós pedimos, em nome da consciência do homem. Paz. Neste momento de dor para todos nós, não só jornalistas, mas a todos os nossos irmãos de todas as crenças religiosas aqui presentes. Eu quero fazer um apelo, numa última homenagem neste momento de dor para todos nós, ao nosso irmão morto, ao homem morto, ao Deus-homem morto, ao Deus



que está em todos os homens. Silêncio. Saíamos daqui deste templo sob o qual se reúnem todas as crenças. Saíamos em silêncio. Saíamos e aguardamos o caminho da paz.

131 – O exterior da catedral, a multidão.

132 – Casa de Alberto Dines.

Alberto Dines: É que, no caso Herzog, a reação felizmente foi tão intensa, que permitiu logo depois, digamos... claro que nunca essas coisas não compensam, não neutralizam a morte nem a barbaridade de um assassinato, mas de certa forma cria um anteparo, um contrapeso, o reconhecimento imediato. Nesses 30 anos Herzog virou um mito e não apenas dos jornalistas.

95

133 – Casa de José Mindlin.

José Mindlin: Realmente, foi uma coisa tão violenta que abalou o País e reforçou a ideia de abertura que ainda demorou um tempo, mas a meu ver foi o fator decisivo da caminhada da abertura política. Eu creio que isso não é um consolo, mas o Vlado não morreu em vão.

134 – Casa de Clarice.

Clarice: Na época, quando o Vlado foi assassina-



do, eu tinha um ódio monumental. Fui movida pela raiva, pelo ódio, pela injustiça eu olhava na rua, vendo que o mundo continuava, ia para o trabalho, as pessoas andando ali pela Paulista e pensava: Como pode a vida continuar normal para as pessoas. Eu tinha muito ódio disso, tinha muito ódio dele não participar desse processo de abertura. Ele tinha tanta coisa que ele podia dar, né? Tanta coisa, tanta ideia, tantos sonhos, tanta competência, que se perdeu.

135 – Cena de arquivo: Vlado em um estúdio da BBC falando (sem o som da fala)

(Entra início da fala de João Bosco)

97

136 – Rio de Janeiro.

João Bosco: Era uma pessoa completamente doce, uma pessoa competente, um jornalista competente... ligado ao cinema, ligado ao teatro, ligado à televisão, uma pessoa... inclusive com o pensamento de uma pessoa que apoiava muito, vamos dizer assim, a exposição das ideias, e não a clandestinidade delas.

JBA: O que aumenta a covardia...

João Bosco: Exatamente. É isso que começa a ficar chocante, porque você vai vendo que a brutalidade

com aquela pessoa é uma brutalidade acima de qualquer experiência vivida até ali, o fato de ser aquela pessoa e o que ele representava.

João começa a dedilhar o violão.

Ele e Aldir Blanc cantam a música *O Bêbado e o Equilibrista*, marca da luta pela anistia no Brasil.

137 – Cenas diversas, planos de todos os entrevistados: silenciosos, quietos, às vezes olhando para a CAM, como se “escutassem” a música, pensando em Vladimir Herzog.

98

138 – Duas fotos de Vlado, com o violão. Na primeira ele está de cabeça abaixada, na segunda olhando para a CAM (como se ele erguesse a cabeça).

Termina a música.

139 – JBA de frente para a Catedral da Sé, a Catedral ao fundo, desmonta a cadeira de diretor, dá uma olhada para a CAM e sai, se distanciando, com a cadeira, passando por mendigos deitados no chão.

Letreiros finais e

FIM



Depoimentos

Alberto Dines

Aldir Blanc

Anthony Christo

Audálio Dantas

Clara Sharf

Clarice Herzog

Diléia Frate

D. Paulo Evaristo Arns

Fátima Jordão

Fernando Birri

Fernando Jordão

Fernando Moraes

Frederico Pessoa

100 Georges Bourdoukan

Ivo Herzog

João Bosco

João Guilherme Vargas

Jorge Duque Estrada

José Mindlin

Luis Weis

Marco Antônio Tavares

Miguel Urbano Rodrigues

Mino Carta

Paulo Markun

Rabino Henry Sobel

Rose Nogueira

Rodolfo Konder

Ruy Ohtake

Sérgio Gomes


OESTE FILMES


PRODUÇÕES

VLADO



30 ANOS DEPOIS

"A história do jornalista Vladimir Herzog, assassinado na prisão em 1975, durante o regime militar"

Roteiro e Direção
João Batista de Andrade

Trilha Sonora
Antonio Pinto

Fotografia
Fabiano Pierri

Fotografia adicional
Carlos Ebert (ABC)

Câmera
João Batista de Andrade

Câmeras adicionais
Carlos Ebert (ABC)
Fabiano Pierri

Som direto
Rodrigo Olivieri

Edição
Landa Costa

Produção de Finalização
Paula Tripas



Imprensa Oficial



Ficha Técnica

Produção – Oeste Filmes e TAO Produções
Direção, Roteiro e Câmera – João Batista de Andrade

Produção Executiva – Ariane Porto

Edição – Landa Costa

Assistente de edição – Marcelo Azevedo

Fotografia e Câmeras – Fabiano Pierri, Carlos Ebert (abc) e Edis Cruz

Som direto – Rodrigo Olivieri

Gravação no Rio de Janeiro – Toninho Murici

Finalização de som – Otávio Bertolo

Produtora de finalização – Paula Pripas

Assistente de produção – Chimeni Maia

Arte – Paulo Caetano

Trilha sonora *trailer* – Martin Eikmeier

Finalização – Estúdios Mega

Criptografia – Rainnetworks

Distribuição de DVDs – Europa Filmes.

Prêmio Fiesp melhor roteiro – 2005





Índice

Apresentação – José Serra	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
<i>Vlado, 30 Anos Depois</i> (roteiro)	13
Depoimentos	100
Ficha Técnica	102

Crédito das Fotografias

Todas as fotografias pertencem ao acervo de João Batista de Andrade

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Maurício Arruda, José Roberto Torero, Mariana Verfssimo e Luiz Villaça

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Org. Luiz Antônio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:

Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Rubem Biáfara – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sérgio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico García Lorca – Pequeno Poema Infinito

Roteiro de José Mauro Brant e Antonio Gilberto

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

***Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 124

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Série Cinema Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Editoração	Fátima Consales
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Andrade, João Batista de

Vlado: 30 anos depois / Roteiro extraído do filme de João Batista de Andrade. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

124p. : il. – (Coleção aplauso. Série cinema Brasil/ Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

(Filmado e exibido em 2005, marcando os 30 anos do assassinato de Vladimir Herzog numa prisão militar)

ISBN 978-85-7060-760-7

1. Cinema – Roteiros 2. Filmes brasileiros – História e crítica 3. Vlado: 30 anos depois (Filme cinematográfico) 4. Documentário cinematográfico – Brasil. I. Andrade, João Batista, 1939. II. Ewald Filho, Rubens. III. Série.

CDD 791.437 098 1

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Documentário cinematográfico : História e crítica 791.437 098 1

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2009

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
Grande São Paulo SAC 11 5013 5108 | 5109
Demais localidades 0800 0123 401

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

|imprensaoficial

No dia 25 de outubro de 1975, o jornalista **Vladimir Herzog** foi depor no DOI-CODI paulistano e nunca mais voltou. Sua morte, depois de tortura e a repercussão que teve, foi um momento fundamental na abertura e no início da fase final da ditadura militar que controlava o Brasil desde 1964. Essa história real e eletrizante é contada por um dos melhores amigos de Herzog, o consagrado diretor **João Batista de Andrade** (biografado na Coleção Aplauso), neste roteiro do documentário *Vlado, 30 anos Depois* (2005). É um verdadeiro registro histórico, com o próprio diretor servindo de repórter e narrador, contando na primeira pessoa toda a situação por que passou. O autor revive os fatos através de depoimentos inéditos de gente importante que nunca antes tomara a palavra dessa maneira. São amigos, familiares, colegas jornalistas (Herzog era, na época, diretor de Jornalismo da TV Cultura de São Paulo), que relembram os fatos e analisam as consequências, num documentário indispensável para o resgate de memória. Um trabalho ao mesmo tempo muito pessoal e importante. E que também é comovente.

Traz depoimentos de Clarice Herzog, José Mindlin, Ruy Ohtake, dom Paulo Evaristo Arns, rabino Henry Sobel, Fernando Morais, Paulo Markun, João Bosco, Aldir Blanc, Alberto Dines, Diléia Frate, Mino Carta, Rose Nogueira.

Mais um lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**, no seu trabalho de resgatar e registrar a história cultural do Brasil.



ISBN 978-85-7060-760-7



9 788570 460760 7